

## O FANTÁSTICO E O REALISMO MARAVILHOSO NO TEXTO LITERÁRIO CONTEMPORÂNEO

RICARDO CHAPOLA

Aluno do Mestrado em Letras da Universidade Mackenzie

Este artigo tem como principal finalidade situar o conto "Sem Olhos", do autor brasileiro Machado de Assis, dentro das fronteiras territoriais da literatura fantástica. Embora grande parte de sua obra esteja com os dois pés no Realismo, Machado manifesta em alguns de seus textos lampejos que o desviam dessa escola. Um deles é justamente o que está no escopo dessa análise.

Não há em "Sem Olhos" a preocupação do autor em negar o idealismo romântico. Tampouco a motivação desconstrutora de um mundo maquiado tal qual se encontra na obra puramente realista de Machado de Assis. O que há decerto no texto em questão é o relato de um desembargador que, a uma roda de amigos, conta a vez que viu um fantasma - tema que, inclusive, foge aos padrões positivistas que arvoram toda a corrente realista. O que Machado traz no bojo de "Sem Olhos" é a dúvida que tanto o Realismo procura sanar pela razão sobre a qual essa escola literária também se ergueu.

Motivados pelas teorias científicas e filosóficas da época, os escritores realistas desejavam retratar o homem e a sociedade em sua totalidade. Não bastava mostrar a face sonhadora e idealizadora da vida como fizeram os românticos; era preciso mostrar a face nunca antes revelada: a do cotidiano massacrante, do amor adúltero, da falsidade e do egoísmo humano, da impotência do homem comum diante dos poderosos (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p. 244)

E é principalmente a hesitação (do leitor, das personagens ou preferencialmente de ambos ao mesmo tempo) a marca mais peculiar do texto fantástico. Sem essa condição de incerteza, a obra sob análise se inclinaria a outras classificações, a depender dos rumos escolhidos pelo autor para dar fim a sua história.

Segundo Tzvetan Todorov (1975), existem pelo menos dois caminhos: conduzir a narrativa para o gênero do estranho, ou dirigi-la para o sentido oposto rumo aos terrenos do maravilhoso. Mantendo-se sobre a linha que separa o estranho do maravilhoso, onde o leitor se equilibra na dúvida sobre como deve interpretar o mundo que lê, está o fantástico. Cada um desses extremos será melhor esmiuçado no decorrer desse trabalho.

O fantástico ocorre na incerteza, ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 1975. p. 30)

O leitor chega ao fim da leitura de "Sem Olhos" sem uma resposta acertiva sobre a existência de fantasmas, graças ao uso de alguns recursos feito pelo autor. São eles os responsáveis pela manutenção do fantástico numa verdadeira linha tênue, impedindo com que o texto penda ou para o estranho, ou para o maravilhoso. Não seria para menos, portanto, dedicar parte dessa análise para se estudar separadamente cada um desses fatores determinantes da natureza do conto.

Para se construir o arcabouço teórico da análise, faz-se necessário, primeiro, conhecer por alto o conto "Sem Olhos", de Machado de Assis.

Trata-se da história de um desembargador - chamado no texto apenas de Cruz - que conta a amigos sobre a existência de fantasmas. A aparição aconteceu quando ele vivera na cidade do Rio. Morara em uma pensão onde vivia Damasceno, um vizinho pouco sociável e visto por todos como alguém "ligado ao diabo". Para Cruz, Damasceno não passava de um louco, a julgar pelas suas conversas. Certa vez, Damasceno adoecera e ficara aos cuidados do desembargador. Foi então que Cruz soubera das agruras do vizinho, dono de um eterno trauma surgido de um amor não correspondido. A moça era Lucinda: linda, baiana e casada. O marido, um médico bem sucedido que, ao perceber o flerte entre a esposa e o mais novo amigo, pune Lucinda pelos olhos, queimando-os com ferro em brasa. Apesar da morte de Lucinda, ela nunca mais deixara as vistas de Damasceno. Vivera a partir de então perseguido pelo

fantasma de sua amada, sempre lhe aparecendo vestida de branco e os olhos ensanguentados. Depois de ouvir a história do vizinho, Cruz também passara a enxergar Lucinda, mulher que nunca perdera os olhos, nem com quem Damasceno tivera aquela breve história de amor. Ela fora uma sobrinha, morta por outros motivos.

O conto se encerra deixando algumas questões em aberto: Damasceno era louco? A suposta loucura do vizinho "contaminara" Cruz? Como seria possível Cruz ter visões de alguém inventado? Fantasmas, afinal de contas, existem ou não?

Perguntas como essas feitas pelo leitor a si mesmo ao longo de uma narrativa são recorrentes nas classificadas como fantásticas. Em outras palavras do que já foi dito no preâmbulo dessa análise, ainda emprestando a voz de Todorov, "a hesitação do leitor é a primeira condição do fantástico" (1975. p. 37). Ora, se a incerteza é fundamental para caracterizar o conto "Sem Olhos" como tal, ela precisa ser mantida. Caso contrário, conforme já arrolado acima também, corre-se o risco do texto perder a essência e se enveredar para classificações com as quais faz fronteira. É ao que o estudo vai se dedicar a partir de agora.

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da 'realidade' (...) Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso (TODOROV, 1975. p. 48)

Existem no texto de Machado alguns meios pelos quais ele imprime a dúvida a quem lê. O primeiro deles, embora pareça controverso, é justamente a abertura da narrativa situando o leitor em um mundo aparentemente igual ao seu, regido pelas mesmas leis da realidade. A hesitação surgirá a partir de uma perturbação momentânea da normalidade instituída e assimilada na leitura. O segundo refere-se à própria estrutura narrativa do conto de Machado de Assis - classificada como narrativa enquadrada e emprestada do texto de Guy de Maupassant, autor fantástico francês. Esse tipo de estrutura consiste na

construção de uma história com base no discurso de uma das personagens, o que, segundo Leyla Perrone-Moisés (1964, apud NEVES, 2008. pp. 29 e 30), atribui verossimilhança àquilo que é narrado.

Leyla Perrone-Moisés (1964), em um artigo sucinto, mas bastante abrangente, escrito na década de 1960, tratou da arte do contista Maupassant. Para ela, a narrativa enquadrada torna o relato mais verossímil, uma vez que dá voz àqueles que vivenciaram a história:

Não é fácil, repetimos, encontrar em nosso século ou nos anteriores um contador de histórias como Guy de Maupassant. A sabedoria do contista se revela, primeiramente, em alguns truques de técnica narrativa por ele descobertos e usados com êxito absoluto. Um desses truques é a dosagem do "suspense". Em seus contos, o "caso" é sempre narrado por uma personagem que dele participou, revestindo-se assim de todo o prestígio e a força comunicativa do fato verídico. (PERRONE-MOISÉS, 1964, p.1 apud NEVES, 2008, p. 30)

No trecho abaixo, o que se percebe em destaque são as intervenções dos amigos de Cruz, todas assentadas no discurso racional que prega a aparição de fantasmas como fruto da imaginação.

"— Não me dirá nada de novo, interrompeu Cruz; sei o que se pode dizer contra os fantasmas; não obstante, existem.

— Como as bexigas; também se diz muita coisa contra elas.

— Fantasmas! exclamou Maria do Céu. Pois há quem tenha visto fantasmas? — É o desembargador quem o diz, observou Vasconcelos.

— Deveras?

— Nada menos.

— Na imaginação, disse o bacharel.

— Na realidade.

Os ouvintes sorriram; Maria fez um gesto de desdém."

A hesitação permanece em "Sem Olhos" à medida que cada suposta evidência sobre a existência de um fantasma vem seguida de uma borrifada de racionalidade para se explicar o sobrenatural. O conto está repleto de exemplos.

Um deles é o que levanta a hipótese da loucura de Damasceno, quem faz o narrador da história ver Lucinda. Mais de uma vez, Cruz trata o vizinho como louco no texto: começa pela suspeita, passa pela admissão, até que o narrador descarta a loucura, num movimento pendular e contínuo sobre todas essas etapas. Veja:

Trecho 1: "A ideia que o vizinho era doido apoderou-se de meu espírito".

Trecho 2: "Era miraculosamente bela a mártir de Jeremoabo; eu compreendia, não só a loucura de Damasceno, mas também a ferocidade do esposo".

Trecho 3:—"Sobretudo não a obrigue a que ela olhe para o senhor. Comprará por esse preço a paz de sua vida toda.

TRECHO 4: A gravidade com que ele proferiu estas palavras excluía toda a ideia de loucura".

Não bastasse a loucura textualmente expressa de Damasceno, ele também é descrito por Machado como um "personagem fantástico", em mais uma evidência para que o leitor modere - e por que não dizer hesite - sobre todo o percurso narrativo do vizinho de Cruz.

"Dizendo isto, sentou-se abrindo o livro sobre os joelhos. Joelhos chamo eu, porque é esse o nome daquela região; mas o que ele tinha naquele lugar das pernas eram dois verdadeiros pregos, tão magro estava. A cara angulosa e descarnada, os olhos cavos, o cabelo hirsuto, as mãos peludas e rugosas, tudo fazia dele um personagem fantástico."

Machado não lança mão apenas da suposta loucura de Damasceno para conservar a incerteza em sua história. Ele também se vale de um recurso chamado de pandeterminismo, muito comum nos textos fantásticos, e cuja função é fazer de casualidades os atenuantes dos fenômenos sobrenaturais.

"(...) os tipos de explicação que procuram reduzir o sobrenatural: há inicialmente, o acaso, as coincidências - pois no mundo sobrenatural não há acasos, reina ao contrário o que se pode chamar de 'pandeterminismo' (...) vêm sem seguida o sonho (...) a influência das drogas (...) as fraudes, os jogos falseados (...), a ilusão dos sentidos (...), enfim a loucura (...)" (TODOROV, 1975. p. 51 e 52)

O pandeterminismo é bastante aparente no ponto do texto em que Damasceno conta a Cruz sobre quando se apaixonou à primeira vista pela compromissada Lucinda. Percebe-se pela leitura de um único parágrafo o excesso de palavras que fazem alusão aos olhos - os mesmos arrancados da mulher, os mesmos que causaram a sua morte e os mesmos através dos quais algumas personagens enxergam o fantasma e outras não. Evidentemente, não se trata de mera repetição. É, na verdade, com o propósito de atribuir a existência do fantasma à essa "coincidência".

Repare na ênfase dada ao olhar no trecho destacado a seguir:

TRECHO 1: "— Lucinda não me olhava nunca"

TRECHO 2: "Não sei que tom havia em minha voz, o certo é que Lucinda estremeceu, e levantou os olhos para mim"

TRECHO 3: "Ele olhou para mim e para ela"

TRECHO 4: "Com um gesto despediu-me; quis falar, ele impôs silêncio com os olhos"

Existem outras passagens com indícios de pandeterminismos espalhados pelo conto, mas menos descarados pelo fato de estarem mais distantes dos momentos em que o leitor percebe que o grande foco de hesitação são justamente os olhos de Lucinda. Por isso, a maioria das outras ocorrências pandeterministas são detectadas durante uma segunda leitura de "Sem Olhos".

A exemplo disso pode-se mencionar o momento que Cruz vê a foto de Lucinda pela primeira vez. Enquanto o leitor acompanha a contemplação do desembargador pela foto, ele se depara com uma descrição muito significativa ao cabo da leitura de todo o conto: o destaque para os olhos.

"Dizendo isto, destacou do maço de papéis uma miniatura e deu-me pedindo que a visse. Aproximei-me da luz e vi uma formosa cabeça de mulher, e os mais expressivos olhos que jamais contemplei na minha vida" .

Afora esse, é possível jogar luz a uma das primeiras cenas do texto. Ao descrever o ambiente em que Cruz relata sua experiência a amigos, Machado menciona um pequeno flerte entre dona Maria do Céu, esposa de Bento Soares, e o bacharel Antunes. Foi também o interesse de Damasceno por uma mulher casada que culminou naquilo que há de mais nuclear em "Sem Olhos". Sem que o leitor perceba, Machado dá pistas de pequenas coincidências que depois explicarão o aparecimento do fantasma em sua história.

"Vestia nessa noite um vestido cor de pérola, objeto da conversa entre o bacharel e as duas senhoras. Antunes, sem contestar que a cor de pérola ia perfeitamente à esposa de Bento Soares, opinava que era geral acontecer o mesmo às demais cores; donde se pode razoavelmente inferir que em seu parecer a porção mais bela de Maria não era o vestido, mas ela mesma"

É a relação feita a esse fragmento no desfecho do conto que reinjeta a hesitação no texto: depois do flerte de Maria do Céu e Antunes, ela, tal qual uma "Lucinda da vida real", baixa os olhos e vai para a janela - ela ficou cega? Viu o fantasma? É assim que Machado fecha as cortinas.

"Maria do Céu tinha seus olhos baixos. Quando o desembargador lhe dirigiu a palavra, estremeceu, ergueu-se. O bacharel fez o mesmo; mas foi dali a uma janela — talvez tomar ar — talvez refletir a tempo no risco de vir a interpretar algum dia um hebraísmo das Escrituras"

Depois de uma breve releitura de "Sem Olhos", agora sob a luz da teoria que se dedica ao estudo do fantástico, é possível inferir que Machado possui, de fato, um lado fora da literatura realista, um gene cuja manifestação acontece justamente no conto sob análise.

A intenção por conseguinte foi provar que Machado de Assis tem rompantes fantásticos através de uma mera análise textual acompanhada de breves porções teóricas, sem mais pelo bem do didatismo. Como foi visto anteriormente, esse estudo trouxe em seu bojo não todas, mas uma grande parte de evidências que servem como credenciais de Machado ao mundo fantástico. Cada uma delas

foi transcrita com objetivo de exemplificar a existência de característica dos textos fantásticos no conto "Sem Olhos".

O traço mais recorrente no texto machadiano é, sem dúvida, a hesitação, peculiaridade da literatura fantástica que também perpassa por toda a narrativa de "Sem Olhos". A tentativa frequente de atenuar o sobrenatural intercalada com os fenômenos inexplicáveis da história contribuem para que paire sobre todo o conto o sentimento de incerteza, repassado das personagens para o próprio leitor. "O fantástico implica pois uma integração do leitor no mundo das personagens: define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados (TODOROV. p. 37)"

A maior de todas as hesitações acaba não sendo aquela que desencadeou todo o conto. A questão sobre a existência de fantasma ganha contornos secundários ao passo que a hipótese sobre a loucura do próprio narrador da história ganha força. Afinal de contas, Cruz passou a enxergar um fantasma que fora inventado por Damasceno:

"— O seu caso é talvez mais simples que esses todos; o desvario do doente foi contagioso, e fez com que o senhor visse o que ele supunha ver."

A hesitação permanece mais uma vez porque é posta em xeque a proposta da narrativa enquadrada emprestada de Maupassant. O discurso do desembargador garantia alguma verossimilhança ao leitor desde que ela não se fragilizasse pela possibilidade de estar louco tal como ele mesmo descrevera Damasceno.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. Literatura brasileira. São Paulo: Atual, 2000.



TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SARTRE, Jean Paul. Situações I: críticas literárias. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NEVES, Angela das. Releituras de Guy de Maupassant. Revista Lettre Française, n°9. 2008.  
<<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/viewFile/2039/1667>>